

NOVOS SUPORTES, NOVOS HÁBITOS: PENSANDO AS NOVAS POSSIBILIDADES DE LER E ESCREVER NA ESCOLA E NA VIDA COTIDIANA

Natalie Archas Bezerra **TORINI**¹
Pedagoga e Mestre em Educação/USP
Pedagoga no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Câmpus Guarulhos
São Paulo/SP – Brasil

Danilo Martins **TORINI**²
Cientista Social e Mestre em Sociologia/USP
Coordenador de Pesquisas Pedagógicas na ESPM
São Paulo/SP – Brasil

RESUMO: O presente artigo se propõe a problematizar a disseminação das tecnologias como suporte à escrita no cotidiano e na atualidade, bem como as decorrentes modificações na maneira de ler e de escrever na escola e na vida cotidiana. Para tanto, parte-se do marco da passagem da oralidade à cultura escrita para discutir as implicações da coexistência de hábitos de leitura e escrita considerados antigos, como o livro impresso e a escrita à mão, com aqueles considerados do presente, representados pela escrita digital e pela leitura de e-books nas telas de dispositivos tecnológicos. As coexistências e incongruências temporais destes distintos suportes são discutidas, primordialmente, à luz das reflexões de Ong (1998) e Lévy (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escrita. Tecnologias.

As pessoas imersas na cultura escrita apenas com grande esforço conseguem imaginar como é uma cultura oral primária, ou seja, uma cultura sem qualquer conhecimento da escrita ou sequer da possibilidade dela. (ONG, 1998, p. 41)

Nos dias de hoje, pensar sobre o movimento que se estendeu da passagem da oralidade para a cultura escrita é um empenho bastante complexo. Na tentativa de realizar este exercício, neste mesmo instante em que fazemos uso de um editor de textos, refletimos sobre o quão difícil é para nós, e para muitos nascidos na segunda

¹ Endereço eletrônico: nataliearchas@gmail.com e nataliearchas@ifsp.edu.br

² Endereço eletrônico: danilotorini@gmail.com e danilo.torini@espm.br

metade da década de 80 do século passado, não poder contar com esta ferramenta em nossos estudos. Podemos afirmar que sentimos imensa dificuldade em escrever um texto como este no papel, algo que, por si só, já se configuraria como um grande avanço frente à cultura oral primária. Maior dificuldade ainda possuímos em oralizar esta produção, se não a registrarmos por meio da escrita.

Parece-nos que é por meio dela que organizamos nossos pensamentos, ao mesmo tempo em que não desenvolvemos tanto a habilidade da oralidade, mas nos apoiamos nos novos recursos que surgem com o tempo. Por outro lado, quando nos aproximamos da literatura em busca de entretenimento, ainda demonstramos certa resistência aos livros digitais. Por quais motivos? Talvez seja porque gostamos de manusear o livro, virar as páginas com as pontas dos dedos e, principalmente, de sentir o cansaço dos olhos apenas quando já lemos o suficiente por aquele dia. Por tudo isto, somos levados a pensar se não seria esta uma questão de hábito, mudança deles ou assimilação de novas formas de ler e escrever.

Em meio a tantos estímulos tecnológicos à leitura, bem como às possibilidades de escrita a que temos acesso na atualidade, como aqueles oferecidos pelo computador, por exemplo, percebemos o quanto se faz fundamental remontarmos à história da escrita em busca de compreender as mudanças que se processam, de forma cada vez mais aceleradas, alavancadas pelas novas tecnologias. Desse modo, nossas reflexões seguem em busca de, como para Belintane (2008, p. 39),

compreender e repensar o ensino da escrita e da leitura em culturas complexas, como a nossa, em que comunidades oralistas e de escrita se misturam e se tensionam escondendo um conflito milenar – conflito esse que hoje parece encontrar na emergência do suporte eletrônico uma espécie de síntese complexa desses quatro milênios de domínio da cultura escrita e de progressivo afastamento das culturas orais. (BELINTANE, 2008, p. 39)

Nessa discussão, a escrita apresenta-se como valiosa e central, uma vez que sem ela “as palavras em si não possuem uma presença visual, mesmo que os objetos que elas representam sejam visuais” (ONG,1998, p. 42). Para Ong, as palavras, nesses moldes, são apenas sons.

As origens da escrita relacionam-se ao desenvolvimento de uma tecnologia há milênios com a finalidade de registrar e comunicar a memória de um povo. Se, por

muitos anos, a escrita se produziu exigindo a presença de três materiais (um suporte, um instrumento e uma mão), hoje, são necessários apenas o “instrumento suporte” (computador) e a mão. A memória virtual cumpre essa função de substituto do suporte, visto que não necessariamente é preciso imprimir um registro para que ele possa ser guardado ou divulgado, comunicado.

Verifica-se, assim, uma evolução da escrita, fundamentada na variação entre a quantidade e a forma das grafias, bem como os tipos de suporte numa sequência quase cronológica: da pedra ao computador, passando pela argila, papiro e papel. Nesse sentido, o computador colabora para dissolver parte do que até então era a base material da escrita. Contudo, esses materiais ganham novos usos e coexistem em experimentações frequentes. Nas escolas, manifesta-se a coexistência destes suportes, de maneira que temos, ainda hoje, o uso frequente do quadro negro (escrita sobre a pedra) coexistindo positivamente com o computador pessoal.

Fora dos limites da escola, as novas tecnologias possibilitaram modificações também nos modos de produzir, primordialmente no que se refere às formas de imprimir, favorecendo a possibilidade de editoras menores ingressarem no mercado, devido à redução de custos na produção. Hoje, pode-se verificar que existem menos obstáculos entre o desejo de publicar, a possibilidade de tornar públicas as ideias atraindo milhares de “seguidores”, por meio das redes sociais, por exemplo, ainda que a qualidade dos serviços oferecidos seja questionável.

Na internet, existe ainda a possibilidade de lançar-se como autor de livros, no sentido próprio do termo, em *sites*, como *Agbook*³, que promovem a “publicação por demanda”. Isto quer dizer que qualquer pessoa que tenha um texto pronto pode submetê-lo à venda sem ser necessário produzir o livro em larga escala, já que paga-se apenas pelos livros que forem efetivamente vendidos. Dessa forma, os custos de produção diminuem, favorecendo o lançamento de novos autores. A disseminação dos livros digitais (*e-books*), que podem ser lidos digitalmente ou impressos, ainda que encontre certas resistências no que se refere à necessidade de consolidação de um novo hábito e a sua acessibilidade, também contribui para a fácil publicação e rápida divulgação de novas obras.

³ Disponível em: www.agbook.com.br . Acesso em: 06.jul.2015.

Nesta esteira, se a entrada na era digital já dá sinais de que pode potencializar o fim do controle da palavra, uma vez que a qualquer pessoa letrada é permitido expressar suas ideias e torná-las públicas sem encontrar pelo caminho grandes barreiras, o que poderíamos dizer da oralidade? Quem cumpre o papel da oralidade hoje? Nas palavras de Lévy (1998, p. 15),

vivemos em uma civilização da imagem ou do audiovisual. Enquanto o tempo destinado à leitura tende a diminuir entre as novas gerações, verifica-se que o tempo dedicado a assistir à televisão e ouvir música gravada não pára de crescer. O livro cada vez mais deixa de ser o vetor de emoção, de sonho e de diversão que era tempos atrás. (LÉVY, 1998, p. 15)

Perguntamo-nos, sobretudo, se estas proposições convergem com a variedade de possibilidades oportunizadas pelas novas tecnologias e até mesmo com a manutenção do livro, da pedra (quadro negro) e do papel (breves anotações).

O modelo de organização escolar mantido até a atualidade em nosso país e em grande parte dos países ocidentais, ressaltadas suas particularidades, remonta à escola do início do século passado. Uma grande quantidade de alunos, dispostos de forma enfileirada, tendo a sua frente uma lousa e um professor, cena que a todos é bastante conhecida. Mas, quais mudanças poderiam ocorrer quando o computador, já conhecido pelos alunos fora da escola, nas funções proporcionadas pelo *smartphones*, *notebooks* e *tablets*, adentra este espaço e passa a ser encarado como suporte para a aprendizagem não apenas da leitura e da escrita, mas para a mobilização de muitos outros conhecimentos?

RELAÇÕES E POTENCIALIDADES DO SUPORTE ELETRÔNICO EM REDE

Partimos agora para a reflexão sobre as possibilidades de mudança nas relações entre professor/alunos ou aluno/aluno frente ao uso das novas tecnologias na escola. Aqui, nos perguntamos o que de fato esses suportes podem nos trazer de novidade aplicável. Assim, um dos aspectos que destacaríamos seria a criação de grupos de trabalho, os quais podem se favorecer da interação permitida por aplicativos que permitem a troca de mensagens instantâneas, como o *Messenger*, os grupos de discussão no *Facebook* e o *Whatsapp*.

São facilitadores da produção coletiva de textos também editores de textos *online* como *Google docs*, que permitem a escrita, o compartilhamento e a edição de textos por qualquer pessoa com o *link* daquela produção. Do mesmo modo, como facilitador do registro coletivo e de sua difusão, a *Wikipédia*, uma enciclopédia digital que aceita contribuições de qualquer usuário em seus conteúdos, substitui favoravelmente as antigas enciclopédias, agregando valor à mobilidade trazida à divulgação do conhecimento e a seu fácil manejo.

Toda essa tecnologia ainda pode potencializar o desenvolvimento de trabalhos em redes, em que os alunos de uma mesma turma possam se conectar ou mesmo as escolas possam adotar uma postura de trabalho em grandes grupos, algo que favoreceria expressivamente a troca de experiências, se pensarmos em um país como o nosso de imensa extensão territorial e permeado por tantas diferenças culturais.

Nesse sentido, o uso destas tecnologias favorece o desenvolvimento das chamadas metodologias ativas, como a *Problem Based Learning* (PBL) ou Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), as quais estão focadas na aprendizagem socializada e na colaboração (ARAÚJO, 2003). Desse modo, aos estudantes, são expostos problemas contextualizados e pouco estruturados, sobre os quais deverão se debruçar para formular soluções ou recomendações fundamentadas. Neste caminho recheado de descobertas, os editores de texto *online*, os quais permitem a escrita colaborativa, serão importantes suportes para a interação, criação e aprendizagem dos alunos.

COMO SE DARÁ A TRANSIÇÃO PARA UM USO FREQUENTE DESSE SUPORTE?

Para que este desafio seja satisfatoriamente transposto e essa transição ocorra de forma produtiva, parece-nos provável e necessário que os professores devam familiarizar-se com as potencialidades de uso do suporte. Cabe ressaltar, entretanto, como bem pontua Gebran (2009, p. 15), que

temos de estar cientes de que não depende do aparato tecnológico apenas, mas de uma grande mudança de cultura, depende da interação e colaboração das pessoas, porque o conhecimento, nada mais é do que a manipulação, a troca de informações e, por fim, a construção do

conhecimento. É de fato uma mudança de paradigma. (GEBRAN, 2009, p. 15)

Dessa maneira, por mais que este movimento venha a favorecer uma maior autonomia por parte do aluno e um ambiente propício ao **autodidatismo**, a figura do professor nos parece manter-se essencial. Isso significa que, mesmo que o aluno domine o uso do computador, é o professor quem propõe, questiona, norteia o trabalho com os conteúdos e as reflexões.

Acreditamos que as redes de computadores e a mídia favorecem a interlocução entre estudantes e pesquisadores das mais variadas áreas do conhecimento, de forma que o professor terá de assumir uma postura de mediador da aprendizagem. Enquanto sujeito importante desse diálogo, o professor, para gerenciar esta relação propiciando as trocas almejadas, bem como para lançar-se em busca da mudança de paradigma apontada por Gebran (2009), precisa empreender reflexões constantes sobre sua ação pedagógica e sobre a incorporação de novos recursos em suas práticas, visto que, como indicia Moran (1997, p. 7),

Professores e alunos se relacionam com a internet como se relacionam com todas as outras tecnologias. Se são curiosos, descobrem inúmeras novidades nela como em outras mídias. Se são acomodados, só falam dos problemas da lentidão, das dificuldades de conexão, do lixo inútil, de que nada muda. (MORAN, 1997, p. 7)

SUBSTITUIÇÃO OU COEXISTÊNCIA DE MODOS E MATERIAIS?

Se nos pautarmos em MacLuhan (1960 citado por HEIDE; STILLBORNE, 2000, p. 21), o qual considera que “as novas tecnologias são sempre utilizadas para fazer um trabalho velho, isto é, até que alguma força direcionadora faça com que elas sejam utilizadas de novas maneiras”, poderíamos afirmar que só existe substituição quando algum material deixa de apresentar vantagens em seus usos, quando este fica obsoleto perante o novo suporte. Poderíamos utilizar como exemplo próximo a substituição rápida da máquina de escrever pelo computador. Uma das funções mais simples dos editores de texto já seria suficiente para que houvesse essa substituição: a possibilidade de deletar os erros, recortar trechos do texto, copiar ou colar fragmentos.

Mas, se os diferentes suportes alteram nossas representações sobre a realidade e nossas formas de organizar o pensamento, como ficarão as anotações no caderno, por exemplo? Qual é o seu futuro? Devem existir diretrizes específicas que orientem seu uso?

As lousas digitais e o uso cada vez mais frequente, devido ao custo acessível desta tecnologia, dos computadores pessoais (*smartphones* com editor de texto, *tablets* e *notebooks*) permitem que o registro do professor não seja mais necessariamente copiado pelo aluno em cadernos. Considerada ainda uma tecnologia cara, o *software* de reconhecimento da escrita, por exemplo, cumpriria este papel, ainda que dependa da utilização de energia elétrica ou de baterias. Neste caso, na ausência dos recursos necessários para o funcionamento destes instrumentos, a lousa e o giz, o caderno e a caneta desempenham as mesmas funções.

Mas, e a **escrita cursiva**, aquela “feita caracteristicamente à grande velocidade (...) mais arredondada que quadrada, fluente e ligada (com ligaturas)”, como descrita por Hooker (1996, p. 258), que contornos ganharia neste contexto tecnológico, já que a agilidade destacada pelo autor é facilmente superada pela agilidade do editor de texto, que hoje conta com inclusive fontes que a simulam?

Em paralelo ao que ocorreu com outros materiais anteriormente utilizados para o registro da escrita como a tinta e a argila e que hoje se configuram como instrumentos para o desenvolvimento de experiências artísticas, por exemplo, o livro poderia seguir este caminho?

Mesmo que a coexistência de diversos materiais nos pareça ainda bastante forte, corre-se o risco de potencializar algumas perdas, apesar dos ganhos oriundos das novas tecnologias, como apontados acima, visto que

as imagens animadas exercem um fascínio semelhante às do cinema, vídeo e televisão (...) lugares menos atraentes visualmente costumam ser deixados em segundo plano, o que acarreta, às vezes, perda de informações de grande valor. (MORAN, 1998, p.127)

Nessa perspectiva, o livro impresso torna-se pouco atraente visualmente frente às produções tecnológicas. Hoje, nos deparamos com editoras que buscam levar ao consumidor o que ele almeja: maior atratividade, por exemplo, conferindo à experiência de leitura outras características como complementos à interpretação do texto. Contudo,

não nos parece que as obras ficarão mais interessantes por conta da tecnologia, pois ela ainda não possui o poder de tornar o livro mais sedutor.

Da mesma forma, em se tratando da oralidade, o texto digitado ou “lido” pelo aparelho não parece capaz de substituir a leitura oralizada pelos professores, em seus aspectos mais peculiares, como entonação e alteração de voz, ênfases, trocas espontâneas na leitura em voz alta, pausas propositais, os gestos, os demais movimentos com o corpo, entre outros. Assim, havendo substituição em alguns elementos e em outros não, a existência múltipla deles contribui para a manutenção da necessidade de desenvolvimento do aluno em todas as suas potencialidades: a escrita, a oralidade, a leitura, a memória, o corpo e a relação com o outro.

O DINAMISMO, A SUBJETIVIDADE E A AUTORIA

Moran (1997) defende que o uso das novas tecnologias na educação favorece a motivação e o interesse dos alunos pelas aulas. Para o autor, superada a primeira etapa de “deslumbramento, de fascínio e de curiosidade” diante do computador, o aluno consolida o “domínio da tecnologia” e inicia a seleção de suas preferências, para só então passar a “enxergar os defeitos, os problemas, as dificuldades de conexão, as repetições, a demora” (MORAN, 1997, p. 6).

Bachelard (1996) já preconizava este movimento em trabalho denominado “*A formação do espírito científico*” que data de meados dos anos de 1940. Ao falar do fascínio que certas experiências causavam aos alunos nas aulas de física ou química. Contudo, o filósofo destacava que o espetáculo em si e o êxtase inicial promovido pela experiência vivenciada não seriam suficientes para que a aprendizagem ocorresse.

Como será possível lidar com esta dinâmica em sala de aula de forma satisfatória?

Para responder a este questionamento, torna-se importante conhecer as formas de representações dos alunos e como suas capacidades cognitivas são condicionadas pelo uso de tecnologias que amplificam, exteriorizam e modificam o processamento dos dados da realidade.

De modo concreto, frente às potencialidades reais do uso de um recurso mais dinâmico para o ensino, poderíamos apontar formas positivas como aquelas

possibilitadas pelo uso de jogos. Permeado por recursos textuais, visuais e sonoros, estes objetos de ensino permitem avaliar o aluno ao mesmo tempo em que ele se utiliza do computador para favorecer sua aprendizagem, pois o registro de seu desempenho ao fazer um exercício/jogo é salvo e pode ser acessado facilmente pelo professor.

No que se refere às contribuições para a leitura, cabe ressaltar o dinamismo proposto pela possibilidade do hipertexto. De acordo com Lévy (1998, p. 207-208),

os conceitos fundamentais do hipertexto (rede associativa de nós de imagens ou textos) estão já presentes na impressão: um dicionário, uma enciclopédia, um cartão com legenda, notas de rodapé são formas de hipertexto. A contribuição da informática é essencialmente a imediatidade da passagem de um nó a outro (“clique” um “botão”), e a possibilidade, para os usuários, de uma fácil personalização da conectividade do hipertexto em que navegarão. A multimídia interativa estende os princípios de organização do hipertexto à imagem animada e ao som. (LÉVY, 1998, p. 207-208)

A dinâmica do computador se intensifica de tal maneira que Lévy (1998, p. 16) chega a planejar em seus estudos o que chama de “uma nova escrita”. Para o autor, a **ideografia dinâmica** “não se trata de recorrer à imagem para ilustrar ou enfeitar o texto clássico, mas de realmente inaugurar uma nova escrita: um instrumento de conhecimento e de pensamento que seja também e intrinsecamente imagem animada”.

Pouco ou muito distante de esta escrita, de fato, passar a existir, é preciso reconhecer que o dinamismo, superado o deslumbramento proporcionado inicialmente, como aquele possibilitado pelo hipertexto, favorece novas conexões de pensamento, que, se bem utilizadas, muito têm a contribuir para a assimilação e produção de novos conhecimentos.

Podemos pensar o uso do suporte eletrônico não só para sistematizar conhecimentos através de jogos e exercícios desafiadores e propositivos, mas também como ferramenta com que o aluno possa criar, produzir, explorar, a partir das propostas do professor. As redes sociais, os *blogs*, entre outros ambientes virtuais, tornam-se excelentes espaços de criação e de divulgação de ideias, além de contribuírem com o processo da tessitura textual.

Dessa forma, alunos e professores tornam-se sujeitos e autores, à medida que podem fazer uso de recursos como os *softwares* de autoria, em que tanto o aluno pode

criar como o professor, a partir de um objetivo pedagógico, pode elaborar atividades que melhor atendam às expectativas desejadas para os alunos.

MEMÓRIA, CORPO, DESEJO E ALTERIDADE

Enquanto modificações na memória, poderíamos destacar as facilidades que a memória virtual nos dá. Cada vez mais expansível, já não temos que nos preocupar em guardar coisas simples como números de telefone, compromissos (gravados facilmente na agenda do celular ou do computador pessoal), documentos, fotos e vídeos condensados em pequenos arquivos e armazenados em “nuvens”, em *pen drivers* ou *hds* externos, por exemplo; fatos históricos, acontecimentos, entre outros. Quase tudo pode ser rapidamente encontrado na internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos delinear aqui as mudanças no que se refere ao conhecimento, à escrita, à leitura, à memória, à oralidade e à alteridade, nos tempos de império das tecnologias informacionais. Neste contexto, a aceitação da emergência de novos suportes para a escrita e, conseqüentemente, para a leitura nos parece tratar-se de uma questão de hábitos.

A linguagem utilizada no computador tende a ser rápida, concisa e informativa, divergindo da linguagem da literatura, da poesia, da oralidade que nem sempre tem essa preocupação. Ler um bom romance em um suporte eletrônico moderno pode não ser tão prazeroso para quem passou boa parte da vida sentindo o livro impresso em suas mãos. Contudo, pode parecer bastante natural e prático para uma criança que ao nascer encontrou a seus olhos um mundo que já se dividia entre as páginas de papel vergé e a tela sensível ao toque de um *Ipad*.

E, para concluir, parafraseando Moran (2000, p. 63), se não objetivamos “dar um verniz de modernidade” quando pensamos ensinar por meio das novas tecnologias, aceitar o novo encarando o antigo como experiente e não obsoleto, pode ser um bom caminho a tomar para não perder uma boa leitura e favorecer a escrita constante.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, U. F. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. São Paulo: Moderna, 2003.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BELINTANE, C. Vozes da escrita: em tempos de crianças e menestréis. *Estilos clin.*, dez. 2008, vol.13, no.25, p.36-51.

GEBRAN, M. *Tecnologias educacionais*. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

HEIDE, A; STILBORNE, L. *Guia do Professor para a internet: completo e fácil*. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

HOOKER, J. T. A escrita, a Língua e o Princípio Alfabético. In: HOOKER, J. T. *Lendo o passado: A história da Escrita Antiga do Cuneiforme ao Alfabeto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

LÉVY, P. *A ideografia dinâmica*. São Paulo: Loyola, 1998.

MORAN, J. M. *Como utilizar a internet na educação*. Revista Ciência da Informação, v. 26, n. 2, Maio-ago. 1997.

MORAN, J. M. *Internet no ensino universitário: pesquisa e comunicação na sala de aula*. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 2, n. 3, p. 125-130, Aug. 1998.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas/SP: Papirus, 2000.

ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Tradução Enid Abreu Dobránzky. Campinas/SP: Papirus, 1998.

ABSTRACT: *This article aims to discuss the dissemination of technologies in support of writing in nowadays everyday life, and the resulting changes in the way of read and write in school and in everyday life. For this, the text uses the framework of the transition from oral to written culture to discuss the implications of the coexistence of reading and writing habits considered old (as the printed book and the handwriting) such as those considered in the present (represented by digital writing and reading of e-books in technological devices screens). Temporal coexistences and inconsistencies of these different media are discussed primarily in the light of the reflections of Ong (1998) and Levy (1998).*

KEYWORD: *Reading. Writing. Technologies.*

Envio: Agosto/2015
Aceito para publicação: Setembro/2015